

ríamos à sessão com algumas indagações singelas grafadas na esperança de que Humberto de Campos atendesse ao apelo que lhe iríamos fazer no sentido, por exemplo, de saber se, no Além, dentro da nova lei que rege a vida espiritual, nos altos planos intangíveis para onde se recolhem as almas desencarnadas, estaria ele agora satisfeito com o sentido que assumira, na Terra, sua obra literária, tão variada e vasta, mas sempre também tão humana e sentida.

Contudo, a intenção dos “testes” continuava acesa em nós.

E foi assim que, ao entrarmos na sala da sessão, repleta, não resistimos ao desejo de traçar ao alto de mais uma folha, esta indagação destinada, mentalmente, a Emmanuel:

– Kann ein Geist einen lebendigen Freund besuchen?

(*O Globo*, 28/5/1935.)

25

SE O BEM VEM DE DEUS, DE ONDE PROVÉM O MAL?

Nova sessão espírita e novas perguntas respondidas pelo “médium”

PEDRO LEOPOLDO, 23 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – Desde que penetramos no pequeno aposento onde se realizam as reuniões, sentimos que o ambiente é pouco propício a uma rigorosa concentração.

A mesa acaba de instalar-se. A “corrente” é quase a mesma da vez passada. Apenas, no lugar que fora ocupado, na sessão anterior, pelo coronel Anísio Fróes, está agora o senhor Raul Henriot. E, em redor, os assistentes numerosos sucedem-se em fileiras cerradas, sentados, em pé ou, os mais recuados, trepados em cadeiras.

À hora de costume, a sessão inicia-se da forma já por nós descrita. Unicamente desta vez, as perguntas não foram lidas por José Cândido durante a oração de abertura dos trabalhos. Ele as reuniu simplesmente diante do “médium”. Sob esse aspecto, a sessão é, pode-se dizer, quase que dedicada ao grande público: a não ser a indagação do advogado, a nossa, em alemão, e as que reservamos para a possibilidade de Humberto “descer”, todas as demais perguntas a que o “médium” terá de atender constam da correspondência aqui chegada. Assim estão ali invocações ao espírito de Euclides da Cunha, indagações sobre o que conterà um envelope lacrado por pessoas idôneas e devidamente guardado fora do alcance de todas as mãos e olhares, em Belo Horizonte, além de outras perguntas.

Inicia-se o “transe”

Finda a oração de abertura e após um momento de concentração



Aspecto tomado em frente à casa de José Cândido, num dia de sessão, onde funcionava o antigo Centro Espírita Luiz Gonzaga. Chico Xavier, assinalado por um círculo, tem à sua direita o repórter Clementino de Alencar.

tão profunda quanto possível, iniciam-se o transe e a corrida do lápis sobre o papel. A maioria dos assistentes não esconde sua curiosidade e o interesse de ver como se desenrola a atividade do “médium” naquele delicado instante. E é sob cerca de trinta olhares atentos que a mão veloz vai psicografando respostas e mensagens espontâneas do Além.

A orientação das gêmeulas na formação dos embriões

A primeira pergunta a ser respondida foi exatamente a do Sr. Costa Carvalho Filho:

– “A idéia que preside à orientação das gêmeulas na formação do embrião animal é da mesma natureza da que preside à formação dos embriões vegetais e dos cristais?”

Eis a resposta:

– “A teoria darwiniana das gêmeulas constitui uma regra geral em todo o portentoso drama da evolução anímica.

No reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, encontramos-a sempre representando os corpúsculos infinitésimos, operários perfeitos da hereditariedade. O assunto, porém, é por demais transcendente para que possamos resumi-lo nas duas linhas de uma resposta. — Emmanuel.”

Mais tarde, o Sr. Costa Carvalho fez-nos ver que, na ordem da citação “mineral, vegetal e animal”, a resposta segue estritamente o método científico na apreciação de tais fenômenos, aliás, obedecendo à própria ordem natural.

De onde provém o mal?

Outra pergunta:

– “Se o Bem provém de Deus, de onde provém o Mal?”

O lápis do “médium” assim grafou a resposta:

– “O mal em hipótese alguma pode provir de Deus, personificação do Amor supremo e da suprema Bondade. É necessário que se encare com justiça o conceito de Deus, evitando-se o encará-lo como o monarca do céu que as religiões criaram com suas absurdas afirmativas. O Mal, já o disse um profundo pensador, é o Bem interpretado imperfeitamente. Está para o Bem como a noite está para o dia. Ele representa uma questão de julgamento imperfeito dos homens; contudo, para discutir tão transcendente proble-

ma, o qual já ensandeceu muito cérebro de teólogo consumado, é preciso tempo, ficando portanto essa tarefa para uma oportunidade mais de acordo com a necessidade do momento. — Emmanuel.”

A hora da morte...

Cai a seguir, sob o lápis do “médium”, uma folha com esta pergunta:

— “A hora da morte obedece a uma lei ou é acidental?”

Eis a resposta dada:

— “A morte, em geral, ocorre sempre no instante determinado. Há, todavia, exceções e essas se verificam segundo o livre-arbítrio do homem. A liberdade individual está, pois, acima de todas as circunstâncias e, daí, se depreende a necessidade da educação da vontade e disciplina de emoções de cada um. — Emmanuel.”

A mensagem inacabada

Finda essa resposta, há como que uma ligeira interrupção no transe. O presidente da mesa pede maior concentração e, por fim, o lápis volta a grafar. Não é, porém, uma resposta; é uma comunicação espontânea que diz assim:

— “Amigos, assistis, nesses tempos da civilização contemporânea em seu auge de esplendor, ao mal-entendido secular que vem se verificando entre a ciência e a religião. Esta última, com a falência das suas instituições, recolheu-se na sua ousadia dogmática, enquanto a ciência guardou-se nos absurdos da negação. A religião, para Schleimacher, significa o sentimento absoluto da nossa dependência; para Kant, representa a base de nossos deveres; todavia, o princípio religioso é a tendência de toda a criatura para a idéia de Deus e para a grandeza da sua imortalidade. A ciência não pode conceber o pensamento sem o cérebro e a vida fora da matéria organizada. Entre uma e outra vem se estabelecendo o conflito que apenas os séculos de estudo, de indagação e de análise poderão desfazer. Esse trabalho começa a se efetivar com os processos novos, inaugurados dentro do positivismo, mas, infelizmente, a alma ainda não pode ser encontrada dentro da indagação fria. A metapsíquica é ainda uma ciência infusa não obstante o valor intelectual dos seus mestres e expositores. Nos tempos que passam, Deus ainda deve ser buscado com a sinceridade do coração, acima do escalpelo indagador. Não podemos, pois, pedir à fisiologia que nos ouça, que nos reconheça. Apenas convidamo-la ao estudo, cujos resultados constituirão uma série de benefícios para a coletividade sofredora...”

A essa altura, o lápis pára, hesitante. Sente-se que ele quer continuar, mas lhe falta o impulso.

Terão a curiosidade e a aglomeração ambientes prejudicado a concentração?

José Cândido tenta restabelecer esta, mas inutilmente. Evidentemente, o transe sofreu nova interrupção, pois José resolve falar ao “médium”.

— Acabou?

Chico Xavier articula vaga e surdamente duas palavras que nos parecem:

— Hein?... Não.

Tenta-se de novo a concentração. O lápis volta a escrever em outra folha; mas não mais aquela mensagem. Notamos que são respostas.